

A questão da relação afetividade - ensino

The question of the relationship affectivity / education

Maria Regina de Araújo

Pós-graduanda do curso de Psicopedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas
(UNIPAM)

E-mail: mareginaaraujo@gmail.com

Monaliza Angélica Santana

Professora orientadora (UNIPAM).

E-mail: santana_monaliza@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre a questão da relação afetividade- ensino, buscando uma compreensão maior do funcionamento da dimensão afetiva e do seu papel no desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano e da aprendizagem do mesmo. Além disso, busca analisar que ações pedagógicas favorecem a afetividade no trabalho do professor e identificar as dificuldades na relação professor e aluno que envolvem a questão da afetividade com a aprendizagem. As dimensões afetivas não se restringem às situações de aproximação ou de contato epidérmico entre aluno e professor; envolve todo o processo de planejamento e desenvolvimento das práticas pedagógicas. Para desenvolver este trabalho, partiu-se da hipótese de que os educadores ainda dão pouca importância à relação afetividade-ensino. Dessa forma, foi levantado o conhecimento, a partir de referencial teórico, da relação que se estabelece entre o sujeito (aluno) e o objeto de conhecimento (conteúdos escolares), que também é de natureza afetiva e depende, em grande parte, da história e da qualidade da mediação desenvolvida pelos agentes culturais, entre os quais se destaca o professor. A afetividade e a educação são um desafio para a aprendizagem significativa e consiste num processo de educação para a vida. Confirma-se, dessa forma, que o funcionamento psíquico humano não é composto somente da dimensão cognitiva, mas também pela dimensão fundamental de sua existência que é a afetiva, o ser humano é um ser integral. A afetividade influencia de maneira significativa a forma pela qual os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral e de aprendizagem. A organização do pensamento influencia o sentimento, e o sentir também configura a forma de pensar. Nesse sentido, a afetividade perpassa o funcionamento psíquico, assumindo papel organizativo nas ações e reações.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem significativa. Autoconceito. Autoestima.

Abstract: The objective of this work is to promote a reflection on the question of the relationship affectivity / education. We are seeking for a better understanding of the affective dimension and its role in the development and learning of the human being. It also tries to analyze which pedagogical actions are in favor of the affectivity on the teachers work and to identify the difficulties in the relationship between the teacher and student which are related to the affectivity and to the learning as well. The affective dimensions are not restricted to the approach or skin contact between student and teacher; it involves the entire planning process and development of teaching practices. To develop this work, we started with the assumption that educators still give little importance to the relationship affection-education. Thus, it was used a theoretical reference based on the relationship established between the subject (student)

and the object of knowledge (school subjects), which is also of affective nature and depends largely on the history and mediation quality developed by cultural agents, among which stands out the teacher. The affection and education is a challenge for meaningful learning and it is a process of education for life. So, it confirms that the human psychic functioning is not only composed of cognitive dimension, but also of the fundamental dimension of their existence which is the emotional, the human being is a whole human being. The affectivity influences significantly the way in which humans resolve conflicts and moral nature of learning. The organization of thinking influences the feeling and feeling also build thinking. Therefore, the affectivity goes through the psychic functioning, assuming organizational role in the actions and reactions.

Keywords: Affection. Meaningful learning. Self-concept. Self-esteem.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema “A questão da relação afetividade ensino”, para desenvolver o trabalho de conclusão de curso, decorreu da observação em minha prática como docente, em que pude perceber que o aluno está sem interesse e cada vez mais precisando de auxílio extra aula para aprender e ter sucesso na escola. Existe relação entre a afetividade e a falta de interesse escolar?

A psicologia demorou muito para reconhecer o papel da emoção e da afetividade no processo de aprendizagem. Segundo Marta Kohl de Oliveira, “Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos” (1998, p. 76).

Assim, surge uma nova compreensão sobre o papel das dimensões afetivas no desenvolvimento humano, bem como das relações entre razão e emoção. A afetividade e a cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente.

Falar em afetividade é acreditar em uma educação com relevância social e, logo, em uma escola construída a partir de respeito, compreensão e autonomia de ideias.

Na escola, diante de diferentes profissionais, o professor é o que tem mais contato com a criança dentro do espaço educacional, por isso torna-se o referencial para a construção da personalidade da criança e da sua autoimagem, no sentido de oferecer atenção devida ao seu desempenho escolar, fazendo com que o amor próprio seja solidificado, pois faz parte do processo de vida e é o sentimento obrigatório em uma existência satisfatória. A questão norteadora é a qualidade das interações nas relações de ensino.

Reações afetivas nas relações “face a face” entre professor e alunos, como posturas corporais, gestos e conteúdos verbais, têm se apresentado como ponto essencial para a consolidação de uma educação que vê o ser humano como um ser integral holístico.

Acreditando nisso, Antunes afirma que a relação professor e aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade, pois,

se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho (1996, p. 56).

Os modos como os professores afetam seus alunos, ou as marcas que os professores deixam por suas palavras e gestos adquirem especial relevância. Um dos argumentos centrais é que existem práticas pedagógicas que aparecem como mais eficazes, contribuindo para a aprendizagem dos alunos e favorecendo uma relação afetiva positiva, que repercute, por sua vez, nas formas de relação dos alunos com o conhecimento. O conhecimento que o professor tem do conteúdo a ser ensinado e o modo como ele se relaciona com esse conteúdo fazem diferença na relação de ensino, como fazem diferença os modos de planejar, interagir, e as formas de avaliar. Permeando todas essas ações, intenções e relações, a dimensão afetiva é condição fundamental. Afeto e cognição estão intrinsecamente imbricados, para que o aluno tenha acesso e consciência de uma aprendizagem significativa.

Descobrir como se processa o desejo para o conhecimento é um desafio dos profissionais da educação. Há urgência em descobrir. A tentativa não é descobrir uma fórmula mágica, mas sim um novo olhar para essa questão tão polêmica. Um olhar de afeto e carinho pelo aprendiz. Temos consciência de que educar não é mais depositar informações nem transmitir conhecimentos. O desafio é transformar tantas informações em conhecimento efetivo, significativo. Isso somente será possível se os professores alcançarem os alunos emocionalmente, porque o ato de educar só se dá com afeto, conforme defende Chalita (2001).

O desejo de estudar é um processo que ocorre no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente com professores e colegas, no âmbito educacional. Por isso, faz-se necessário analisar, a partir dos aspectos favoráveis e não favoráveis, o vínculo existente entre o aluno e o professor. De acordo com Santana (2004, p. 33),

se a criança tem interações agradáveis e afetiva com os adultos, os comportamentos, ações, as linguagens e as maneiras de ser, serão melhores assimiladas com valor positivo. Pode-se afirmar que a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação.

Boruchovitch e Bzuneck (2004) afirmam que os educadores têm em mãos uma tarefa árdua, que exige conhecimentos, habilidades e senso de compromisso com a educação. Assim, o trabalho do professor pode se tornar desgastante e frustrante ao ensinar alunos que perderam o interesse e a motivação para aprender, fazendo com que muitos se limitem em atribuir a culpa pela desmotivação dos alunos a fatores externos, como a família ou o sistema educacional. Essa atitude pode camuflar a situação, que bem direcionada pode gerar resultados satisfatórios.

A aprendizagem está relacionada a vários fatores, que se interagem mutuamente e que, apesar de poderem ser analisados separadamente, fazem parte de um todo que depende de uma série de condições internas e externas ao aluno.

As interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos, não se restringindo apenas às relações “face-a-face” entre professor e aluno.

Dessa forma, a relação professor aluno deveria ser de cumplicidade, de troca de experiência, de compromisso e de respeito mútuo. O objetivo da educação deveria ser uma educação que almejasse a autonomia, a ética e a dignidade, o desafio de buscar novos conhecimentos e a construção com autonomia desses conhecimentos, mediada por um professor que é consciente da suprema importância que a afetividade exerce sobre a aprendizagem de cada aluno e o prazer da descoberta por si só. Enfim, a tarefa do professor é de formar seres humanos felizes e equilibrados. Então, por que esses objetivos não estão sendo alcançados? O erro está no professor como pessoa ou no método utilizado por ele? As políticas públicas têm mostrado interesse no desenvolvimento intelectual dos alunos, com leis direcionadas para a melhoria dos currículos e mudança na metodologia. Porém, as capacitações que têm sido oferecidas aos professores demonstram e enfatizam a importância da afetividade na aprendizagem? Ou essa é uma vertente que continua apartada da aprendizagem e não tem recebido a sua devida importância para auxiliar a aprendizagem significativa de nossos alunos? Mas essas mudanças só poderão ser efetivadas se o professor mudar sua atitude perante os alunos e olhar para as diferenças, tomar consciência de que cada pessoa aprende de forma diferente e em tempos diferentes.

“Sabemos que as pessoas têm diferentes saberes, interesses, necessidades, habilidades, competências, vivem em diferentes contextos socioemocionais e que essas diferenças produzem, ao longo da vida, a singularidade de cada uma” (PAROLIN, 2010, p. 29). Quando o professor compreende as diferenças de seus alunos, consegue atender à demanda social e continua cumprindo a sua função formadora.

No intuito de aprofundar o conhecimento sobre a importância da afetividade no processo ensino aprendizagem e verificar como o desejo de aprender se processa no aluno, realizou-se a pesquisa que foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa visa uma contribuição para fomentar maior discussão e interesse dos pedagogos que acreditam no sucesso escolar, tendo como princípio básico a afetividade em sua relação educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Assim, a sala de aula é um grande laboratório para que se observem e questionem os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno, muitas vezes, a ficar desgastado e sem estímulo. Logo, a relação entre professor e aluno deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e em respeito mútuo das diferentes ideias.

De acordo com Leite (2006, p. 16-17), “durante séculos o pensamento dominante sempre caracterizou a razão como dimensão mais importante, sendo a emoção, em

vários momentos históricos, considerada o elemento desagregador da racionalidade, responsável pelas reações inadequadas do ser humano”.

Essa pedagogia caracterizou a aprendizagem como produto exclusivo da inteligência formal, sendo desconsiderada a influência dos aspectos afetivos. Como, por exemplo, no caso da alfabetização, o desafio era ensinar as habilidades de leitura e escrita, o que era muito raro a preocupação de levar o aluno a gostar de ler e se envolver com as práticas sociais de leitura e escrita, o que implicaria o trabalho pedagógico direcionado para as dimensões afetivas do processo.

Teóricos da educação, educadores e autores tratam da afetividade como fator preponderante para a construção do autoconceito do aluno. Ela vem sendo abordada com mais intensidade, porque a violência, a agressividade e o desrespeito vivido hoje pela maioria das pessoas podem ter causas de fundo afetivo, por conta da falta de valorização da pessoa como ser humano. Dessa forma, inevitavelmente, seu autoconceito é alterado.

A qualidade da relação que se estabelece entre sujeito e objeto é também de natureza afetiva e depende da qualidade da história de mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida.

Wallon (1968) e Vygotsky (1993) são dois autores que desenvolveram teorias de desenvolvimento que têm sido muito importantes para conceituar o papel da afetividade no processo do desenvolvimento humano e, por consequência, no processo educacional.

Para Wallon (1968), o desenvolvimento é um processo de construção em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva.

Heloisa Dantas, uma estudiosa da teoria de Wallon, afirma que

tudo que foi afirmado a respeito da integração entre inteligência e afetividade pode ser transposto para aquela que se realiza entre o objeto e o sujeito. Deve-se então concluir que a construção do sujeito e a do objeto alimentam-se mutuamente, e mesmo afirmar que a elaboração do conhecimento depende da construção do sujeito nos quadros do desenvolvimento humano concreto (DANTAS, 1992, p. 91).

Para Vygotsky (1993), o indivíduo nasce como ser biológico, mas, por meio da inserção na cultura, constituir-se-á como ser sócio-histórico. Cultura que fornece aos indivíduos um ambiente estruturado, pleno de significados socialmente compartilhados, o que também inclui aspectos afetivos.

Tanto Vygotsky como Wallon defendem que o pensamento tem origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Assim, a relação entre afetividade e inteligência é fundamental para o processo de desenvolvimento humano.

Por isso, a escola, enquanto segmento de grupo social que constrói diferentes relações, deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno.

Para Oliveira (1998), o aspecto afetivo tem profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de

desenvolvimento e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará.

Yves de La Taille, em seus estudos sobre a teoria de Piaget, comenta que,

quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a serviço (LA TAILLE, 1992, p.65).

Sendo assim, de acordo com a teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que desenvolvem-se paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. Dentro da teoria de Piaget, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência e é responsável pela ativação intelectual.

Oliveira (1998) aborda as ideias de Vygotsky que sempre se preocupou com o aprendizado inserido no desenvolvimento sócio-histórico da pessoa como um processo que apresenta diferentes fases que estão interligadas entre si. Independente da fase que esteja vivendo, o ser humano está convivendo com grupos diversificados de pessoas que contribuem a todo o momento com a construção de sua autoestima.

Portanto, vê-se que a inteligência e a afetividade são de extrema importância para o processo do desenvolvimento humano como ser integral. Portanto, a elaboração do conhecimento perpassa pela afetividade.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO ENSINO -APRENDIZAGEM

O acesso ao mundo simbólico se dá por meio das manifestações afetivas que permeiam as mediações que se estabelecem entre o sujeito e o “outro”.

A afetividade constitui-se como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os demais objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE, 2006, p. 24).

É possível, assim, afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, e não apenas nas relações face a face com o aluno.

De acordo com Leite (2006, p. 25), “todas as decisões pedagógicas que o professor assume, no planejamento e desenvolvimento do seu trabalho, têm implicações diretas no aluno, tanto no nível cognitivo quanto no afetivo”. As decisões sobre as condições de ensino, assumidas pelo professor, apresentam inúmeras

situações com implicações afetivas para o aluno. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação, pois é nessa interação afetiva que se desenvolvem os sentimentos positivo ou negativo e constrói-se a autoimagem.

Para Silva e Sá (1993), o afeto deve estar presente, uma vez que é uma fonte fundamental de motivação, além das informações que se fazem presentes em cada situação. Paciência e vontade complementam o arsenal de instrumentos necessários ao professor para que colabore para o desenvolvimento motivacional do aluno. Se os educadores têm consciência da importância do afeto, podem buscar maneiras de cativar os alunos para despertarem nos mesmos o interesse pelas aulas, conseqüentemente, conseguem atingir o objetivo, que é a aprendizagem.

Alunos seguros em relação aos professores são mais autônomos, mais envolvidos com a aprendizagem e sentem-se melhor a respeito de si mesmos. Por isso, é necessário promover em sala de aula um contexto de relação segura, por meio do interesse e da disponibilidade a respeito das necessidades e perspectivas dos alunos.

É tarefa do professor, reconhecer cada aluno seu como alguém singular, contemplá-lo em sua individualidade, estabelecer um campo emocional que favoreça a manifestação desse ser e viabilizar uma ação pedagógica que contemple o aprendiz em sua totalidade e plenitude (PAROLIN, 2010, p. 55).

Neste relacionamento educador-educando, o vínculo afetivo será um grande facilitador no processo de ensino - aprendizagem, pois, pela criação de um forte vínculo afetivo, a criança não se sentirá sozinha, facilitando, assim, seu aprendizado.

“É de consenso que uma criança não aprende qualquer coisa, em qualquer lugar e com qualquer um, ou seja, que elegemos com quem aprendemos e, mesmo assim, aprendemos de forma diferente, apesar do mesmo disparador” (PAROLIN, 2010, p. 53).

Assim, faz-se necessário perceber que o universo simbólico do aprendiz está intimamente ligado aos seus conteúdos emocionais e, ainda, atrelados à realidade interna e externa de cada um. Quando professor e aluno estabelecem um clima favorável para que um queira aprender o que o outro queira ensinar, acontecem inúmeras e importantes aprendizagens.

Segundo Santana (2004), o aluno se identifica por uma determinada pessoa, adotando-lhe os traços de personalidade, as atitudes e os valores. A relação de amor e admiração fala mais forte. A criança procura imitar todas as ações do adulto. Quanto mais positivo for o modelo, mais influência poderá exercer na criança. O professor precisa transmitir carinho, cooperação, diálogo e afetividade centrada na criança, em oposição às instruções de características alienantes e mal compreendidas. As instruções e as exigências do adulto precisam ser compreensíveis para a criança, assim, ela se constitui progressivamente e forma personalidade mais autônoma.

Do ponto de vista psicoeducacional, o papel do professor em classe mais do que remediar (o que, porém, não deve ser descuidado), é o de prevenir a ocorrência de condições negativas, como o tédio crônico, a apatia ou a alta ansiedade e,

mais do que tudo, desenvolver e manter a motivação positiva da classe como um todo, série após série (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2004, p. 26).

Tiba (2006) compara o professor como um grande cozinheiro, quando ele prepara com cuidado o modo de transmitir os conteúdos, o aluno pode aprender por prazer. Esse autor salienta que “o professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são alegria, bom humor, interação, respeito humano e disciplina” (TIBA, 2006, p. 132).

O saber deve ter sabor e, para isso, a educação deve valorizar a criatividade e procurar atividades que possibilitem a reflexão e o olhar crítico, suprir os alunos do equilíbrio necessário para buscar novos desafios com segurança, desenvolvendo diferentes habilidades social e emocional neste mundo de tantas e rápidas transformações. A educação deve formar seres humanos completos, críticos e participativos.

Envolver-se em uma atividade por prazer facilita a aprendizagem e o desempenho, buscando o aprimoramento de suas habilidades e empenhando em organizar o novo conhecimento de acordo com seus conhecimentos prévios.

O elogio, quando feito de forma justa, criativa e verdadeira, pode promover no aluno a percepção de competência, promovendo a sua autodeterminação. O incentivo e o elogio são interpretados pelos alunos como forma de encorajamento para enfrentar suas dificuldades. Mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço constituem formas cognitivas de vinculação afetiva.

Muitas crianças com fraco rendimento escolar apresentam uma atitude negativa face ao estudo. Silva e Sá salientam que

os estados afetivos e motivacionais têm sido reconhecidos como importantes fatores que afetam o sucesso e insucesso escolares, especialmente no caso de alunos que, embora possuindo capacidades intelectuais médias ou acima da média, apresentam um baixo rendimento escolar (1993, p. 26).

As interações em que o professor oferece meios para que o aluno realize a atividade, confiando em sua capacidade, demonstram atenção às suas dificuldades e problemas.

Desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas para o autocontrole do aluno e seu bem estar escolar. Percebe-se uma forte relação entre professor e aluno, influenciando na formação da autoestima, pois o professor que não tem amor na profissão e apresenta diferentes reações diante de um aluno indiferente ou agressivo pode comprometer o desenvolvimento escolar da turma.

2.3 AFETIVIDADE NAS CONDIÇÕES DE ENSINO

O planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor são fatores determinantes. O professor deve fundamentar seu trabalho conforme as

necessidades que permeiam a vida do aluno naquele momento, organizando os conteúdos a serem desenvolvidos, levando em conta os conhecimentos prévios, a matriz curricular/PCN e a realidade dos alunos, facilitando, assim, a relação no ensino-aprendizagem. Leite (2006, p. 41) acredita que

professores tornam-se inesquecíveis porque desenvolvem práticas pedagógicas que possibilitam aos jovens experienciarem sucesso nas situações de aprendizagem e ao vivenciarem tais situações, vão gradualmente se fortalecendo, como indivíduos afetivamente seguros, melhor preparados para vivenciar as relações com o mundo.

A falta de uma organização lógica pode aumentar as possibilidades de fracasso por parte do aluno, tendo como consequência a já citada deterioração afetiva das relações entre o aluno e o referido objeto em questão.

Para Leite (2006, p. 25), “decisões de ensino inadequadas dificultam o processo de aprendizagem e as implicações envolvem também as dimensões afetivas, podendo os referidos conteúdos tornarem-se aversivos para a vida futura do aluno”.

A natureza da experiência afetiva, se prazerosa ou aversiva, depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito na relação com o objeto.

O professor pode selecionar estratégias que possibilitem aos alunos desenvolverem propósitos, metas, expectativas que possam resultar em uma aprendizagem significativa, pois a motivação pode ser objeto de socialização por meio de estratégias de ensino. Sendo assim, essas estratégias devem estar presentes em todas as situações de ensino, como nas avaliações, na organização do tempo na proposição de tarefas etc.

Se o que o aluno aprende faz sentido para a vida, isso poderá ser percebido no futuro quando esse aluno estiver frente a frente com suas decisões profissionais.

Não há porque aprender a ler, escrever, contar, ou o que seja, como se fosse um faz-de-conta. É preciso, isto sim, tornar significativas para o aluno as aprendizagens que a escola pressupõe importantes para ele. Dar sentido ao que é ensinado. E se for pertinente para o aluno, ele fará com interesse “o seu trabalho”, terá prazer no que faz, sendo recuperado o aspecto lúdico que todo trabalho significativo traz potencialmente (MAIA, 1995, p. 41).

O conteúdo se torna importante quando há um sentido em sua seleção, quando estabelece nexos com a vida, com a prática da cidadania.

O modo como as pessoas constroem a aprendizagem, interpretam os acontecimentos e organizam a informação é mais bem compreendido quando nos centramos no significado que eles adquirem para o aluno. A aprendizagem eficaz depende da adoção de algumas estratégias e orientações motivacionais que permitam ao aluno tomar consciência dos objetivos a serem alcançados.

Para atrair a atenção do aluno para um tema a ser estudado, é necessário que o professor estimule todos os sentidos da criança, usando recursos variados e, assim, gerando a curiosidade das crianças.

O ato de ensinar envolve grande cumplicidade do professor a partir do planejamento das decisões de ensino assumidas; mas tal cumplicidade também se constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno (LEITE, 2006, p. 42).

A afetividade no trato com as pessoas é um pressuposto do que autores referem-se como o resgate a valores humanos esquecidos por nós que estamos envolvidos com a agitação do dia-a-dia. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor em sala de aula, por meio de suas interações, crenças, valores, sentimentos e desejos, afeta cada aluno.

Como se pode ver, a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a essa busca. Entretanto, apropria-se de pensamentos de teóricos como Wallon, Piaget e Vygotsky para buscar suas ações pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino-aprendizagem, imbuído de afetividade, o que contribuirá para o planejamento bem elaborado e a aprendizagem significativa para a vida dos alunos.

De acordo com a teoria de Piaget, La Taille afirma que,

quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a serviço (1992, p. 65).

Sendo assim, a afetividade move a ação, mas é a razão que identifica os desejos, os sentimentos variados para que o sujeito obtenha êxito nas ações. O dualismo afetividade/razão é fácil de ser compreendido quando os dois termos são entendidos como complementares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até recentemente, o trabalho pedagógico vinha sendo tratado como se as decisões docentes em sala de aula envolvessem apenas a dimensão cognitiva do aluno, desconsiderando-se o aspecto afetivo.

Aprender afetivamente é enxergar o ser humano como capaz de resolver problemas cognitivos de forma significativa e de ordem emocional nos mais variados momentos da vida.

O ambiente escolar é complexo e imprevisível e não cabe nenhuma receita pronta. Entender e administrar conflitos que são gerados em sala de aula torna-se instrumento indispensável para o professor, que deve levar em conta também o nível evolutivo dos alunos, suas histórias passadas e suas expectativas para encontrar a melhor estratégia. O estilo motivacional do professor, promotor da autonomia de seus alunos, deve estar presente em todas as situações de ensino, como nas propostas e

organização de tarefas, pois, assim, possibilita sua autodeterminação e percepção de competência. Aproximar o aluno de seus recursos intelectuais cria oportunidades para que o próprio aluno administre seus erros e acertos. A postura do professor deve ser sempre a de mediador das diversas situações criadas em sala de aula.

Por outro lado, se a escola não dispõe de um ambiente social adequado, nem do entusiasmo necessário, a criança não vê motivos para nela permanecer. O incentivo que a escola deveria oferecer é atividades esportivas e culturais, aulas participativas, boa convivência e desenvolvimento de habilidades, e, para isso, é preciso contar com pessoas engajadas na formação integral dos alunos que deem necessária importância à afetividade.

A escola deveria ser um local onde a criança compreendesse o mundo, valorizasse sua cultura e todo o seu universo íntimo e pessoal. O papel da escola deveria, além de transmitir conhecimentos, valorizar a importância da relação vincular entre professor, aluno e conhecimento, num envolvimento em que todos aprendam.

Quando há cooperação entre todos na escola – professores e equipe gestora – as intervenções podem ter mais eficácia, sobretudo em termos de envolvimento com a aprendizagem.

Quando a criança acredita em seu potencial, se sente bem com as relações interpessoais no contexto escolar e acredita que o processo de aquisição da informação é significativo, ela irá transformar em aprendizagem todo o conhecimento apresentado. E, conseqüentemente, o prazer de ser reconhecida e o prazer de relacionar-se com os colegas dará o sabor de estar construindo uma história de vida feliz.

O cuidar é uma atitude que abrange mais que um momento de atenção e de zelo, é também um envolvimento afetivo.

Mudanças na educação ocorrerão a partir de conscientização de novas metodologias que insiram cada vez mais o aluno em uma vida escolar que retrate sua realidade e que busque a contextualização, porém, olhando-se de outro prisma, a solução para a educação pode estar no afeto. Afeto este que inclua, que proporcione crescimento e valorização do ser humano e reconhecimento pessoal como sujeito na construção da história.

Vale ressaltar que todas as relações iniciam a partir do momento que as limitações de um são respeitadas, o que favorece o reconhecimento das limitações do outro. A afetividade nas relações deve ser recíproca e permeada em valores verdadeiramente humanos.

Nesse sentido, a emoção será compreendida dependendo da ativação ou redução da afetividade, no entanto, o autocontrole não é uma habilidade que se desenvolve “naturalmente” dada à maturação temporal da criança. Todas precisam de uma aprendizagem específica, pois uma relação é algo que se constrói dia-a-dia, no entendimento de si e do outro.

Por meio dos resultados da pesquisa bibliográfica, constata-se que os professores têm consciência da importância da afetividade e da motivação no processo ensino-aprendizagem. Porém, sabemos que, para romper limites, deixar o tradicionalismo e investir em novas metodologias, é necessária ousadia. Esta exige novas atitudes, senso de compromisso e, até mesmo, de uma paixão pelo seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Alfabetização emocional*. São Paulo: Terra, 1996.
- BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 3. ed. Vozes. Petrópolis, 2004.
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.
- DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- LEITE, Sergio Antonio da Silva (org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MAIA, Eny Marisa; GARCIA Regina Leite. *Uma orientação educacional nova para uma nova escola*. São Paulo: Loyola, 1995 (Coleção Espaço).
- OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky. aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1998.
- PAROLIN, Isabel. *Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem*. São José dos Campos: Pulso, 2010.
- SANTANA, José Valdo Sousa. *Tendência anti-social na escola- uma postura indisciplinar ou um pedido de socorro?* Lisboa. Psico-Pedagógica Ltda, 2004.
- SILVA, Adelina Lopes da; SÁ, Isabel de. *Saber estudar e estudar para saber*. Portugal: Porto, 1993.
- TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Integrante, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.